

Aprender com a derrota



Por **LUIS FELIPE MIGUEL***

A fórmula lulista está desgastada e precisamos não é de quem a imite, mas de quem ajude a encontrar caminhos para superá-la

1.

O segundo turno das eleições não trouxe surpresas. Os principais vitoriosos foram políticos dos partidos oportunistas tradicionais, que se apresentaram com um discurso à direita. Para a esquerda, sobrou um consolo de comemorar a derrota de alguns bolsonaristas raivosos e, no mais, chorar as pitangas.

Era uma derrota anunciada, mas nem por isso foi menos sofrida. Na capital paulista, a eleição mais importante do país pelo peso que tem na política nacional, o fracasso de Guilherme Boulos sintetiza o esgotamento de uma fórmula que já apresentava problemas há muito tempo. A questão é saber se há força e disposição para virar a chave.

No discurso em que admitiu a derrota diante de seus apoiadores, Guilherme Boulos disse que sua campanha recuperou “a dignidade da esquerda brasileira”. Não é possível concordar com este veredito.

Sim, a campanha foi dura. O efeito do domínio do Centrão sobre o orçamento se fez sentir no Brasil todo, inclusive em São Paulo. As máquinas da prefeitura e do governo estadual operaram sem limites – bem como a máquina de desinformação da extrema direita. A cereja do bolo foi a mentira criminosa lançada pelo governador Tarcísio de Freitas na manhã de domingo.

Seria caso de cassação de mandato. Mas ele está tranquilo, porque sabe que não terá consequências. Afinal, em 2022, a encenação que montou em Paraisópolis teve até um morto – e todos continuam impunes. A democracia que lutamos tanto para reconstruir depois do golpe de 2016 sempre teve limites – e, sobretudo, sempre teve lado.

O problema não é a derrota nas urnas. Ela faz parte do esperado, uma vez que a esquerda disputa sempre em condições de inferioridade. O problema é que a campanha de 2024 não levou a nenhum acúmulo para o campo da esquerda. Na verdade, o saldo parece ter sido negativo.

Guilherme Boulos não foi apenas derrotado nas urnas. Por conta da campanha errática e sem fibra, sofreu um desgaste importante em sua imagem como liderança política e desperdiçou uma oportunidade de ouro para tentar rerepresentar um projeto de esquerda no Brasil.

O desempenho do candidato do PSOL foi praticamente igual ao de 2020: na proporção de votos válidos no segundo turno, a diferença é vista apenas na segunda casa depois da vírgula. Mas ele estava disputando com o adversário muito mais fraco,

Ricardo Nunes, desprovido de qualquer charme, sem o peso político ou o sobrenome de Bruno Covas, pilotando uma administração considerada medíocre por todos e com uma coleção de telhados de vidro que iam do roubo de dinheiro de merendas à violência contra a mulher.

Talvez ainda mais importante, Guilherme Boulos fez uma campanha muito rica, com orçamento superior aos 80 milhões de reais – algo que um candidato à esquerda nunca teve numa eleição municipal no Brasil. Com todo esse dinheiro, não foi capaz nem de vencer a eleição, nem de promover uma ampliação do nível do debate político que permitisse incrementar a consciência crítica do eleitorado. Seu discurso foi marcado pela capitulação permanente diante do senso comum mais rebaixado, já que nunca havia um momento de educação política.

Guilherme Boulos foi derrotado, segundo as análises correntes, por sua taxa de rejeição. Há verdade nesse veredito. Por isso, sua campanha identificou como alvo principal reduzir a rejeição do candidato. O caminho escolhido foi tentar modular sua imagem, em vez de questionar as formulações ideológicas que geravam a rejeição a alguém que vinha do movimento popular e tinha um histórico de embates contra as estruturas vigentes de opressão.

Não é uma questão que se resolve no curso de uma campanha eleitoral, é claro. À medida em que se rendeu completamente à política eleitoral, tornada o alfa e o ômega de suas principais organizações, a esquerda brasileira viu diminuir a capilaridade de seus canais próprios de comunicação, vinculados ao trabalho de base, e passou a depender cada vez mais de burocracia, mídia e publicidade. Mas, sem resolver, a campanha proporciona uma importante janela de visibilidade, para disputar representações da realidade e oferecer projetos diversos para a construção de novas vontades coletivas. Essa oportunidade foi desperdiçada.

2.

A diferença da candidatura de Guilherme Boulos não era um discurso de esquerda, mas o lulismo – isto é, um programa de mudanças tímidas (mas nem por isso desimportantes), com recusa a qualquer enfrentamento, esperançoso de seduzir as classes dominantes para um projeto civilizatório. A capacidade de transferência de votos de Lula se mostrou muito menor do que o esperado, mas a campanha ficou presa à defesa incondicional do governo federal, assumindo os ônus tanto de sua rejeição visceral por parte de um eleitorado ideologizado (o “antipetismo”) quanto dos limites impostos por suas políticas de ajuste fiscal e acomodação com o privatismo.

Faz tempo, aliás, que a esquerda partidária brasileira está pronta a recuar em tudo, com medo de enfrentamento. Nada de discurso anticapitalista, mal se fala de imperialismo, luta de classes sumiu, o “empreendedorismo” e a “inovação” tomaram conta do vocabulário, direito ao aborto é tabu, assim por diante. A rendição do PSOL ao lulismo, que Guilherme Boulos encarna como ninguém, retirou o último elemento significativo de tensão na adesão a essa estratégia.

A única exceção é a lacração identitária, que na campanha de Guilherme Boulos surgiu no triste episódio do “*hine nazionale*”. Tanto esforço para evitar discussões urgentes e necessárias – para depois abraçar o desgaste de uma polêmica inútil. Lacração, convém sempre lembrar, não tem nada a ver com educação política. É uma ferramenta a serviço exclusivamente do narcisismo inconsequente de uns poucos.

Depois de um primeiro turno dominado por fofurices, em que parecia falar mais de Taylor Swift do que de especulação imobiliária e em que passou de favorito a azarão, conquistando a vaga no segundo turno no olho mecânico, Guilherme Boulos teve que mudar de postura.

Ainda assim, nunca apostou na politização. Tentou se aproximar do eleitor de Pablo Marçal, mas mimetizando os acenos ao “empreendedorismo”. Quando o apagão lhe entregou de mão beijada um tema capaz de sacudir a campanha, optou por reduzi-lo à gestão da prefeitura (poda de árvores) deixando em segundo plano a questão da privatização. E assim por diante.

a terra é redonda

O desespero do final da campanha fez Guilherme Boulos aceitar participar da “sabatina” de Pablo Marçal. Uma decisão – reconheço – difícil. Por um lado, seria a chance de falar a uma fatia importante do eleitorado, normalmente refratária a ele. Por outro, seria violar um necessário cordão sanitário, aceitando como interlocutor legítimo um bandido, alguém que tinha se utilizado das piores baixarias, culminando na infame falsificação de um laudo médico contra o próprio Guilherme Boulos.

Ao participar da “sabatina” sem sequer confrontar Pablo Marçal, Guilherme Boulos aceitou, como disse o ex-deputado federal Milton Temer, posar de “figurante em lançamento de campanha para presidente em 2026”. É difícil saber se ganhou algum voto com isso. Mas deu seu aval a mais uma volta na espiral de degradação da política brasileira.

Já faz bastante tempo que é evidente que o projeto de Guilherme Boulos é repetir a trajetória de Lula: do movimento social para a política eleitoral, das margens para o *mainstream*, da derrota para a vitória. Tudo isso em *fast track*, claro, percorrendo em três ou quatro anos aquilo que, com Lula, demorou uma década e meia.

Não está dando certo. Talvez porque falem o carisma e a autenticidade do original. Certamente porque as circunstâncias mudaram. A fórmula lulista está desgastada e precisamos não é de quem a imite, mas de quem ajude a encontrar caminhos para superá-la.

O discurso de ontem, após a derrota, mostra que a ficha ainda não caiu para Guilherme Boulos. Mas, se não mudar de rumo, ele não vai ser Lula – vai ser Marcelo Freixo.

***Luis Felipe Miguel** é professor do Instituto de Ciência Política da UnB. Autor, entre outros livros, de *Democracia na periferia capitalista: impasses do Brasil (Autêntica)*. [<https://amzn.to/45NRwS2>].

Publicado originalmente no [blog da Boitempo](#).

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)